



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

VANDERSON PEREIRA DE CARVALHO

**REMINISCÊNCIAS AFRICANAS NO TOCANTINS:
UM ESTUDO A PARTIR DA GEOGRAFIA CULTURAL.**

PORTO NACIONAL/TO

2022

VANDERSON PEREIRA DE CARVALHO

**REMINISCÊNCIAS AFRICANAS NO TOCANTINS:
UM ESTUDO A PARTIR DA GEOGRAFIA CULTURAL.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Porto Nacional (TO) – como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke

PORTO NACIONAL/TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- P436r Carvalho, Vanderson Pereira.
Reminiscências africanas no Tocantins:: um estudo a partir da geografia cultural. / Vanderson Pereira de Carvalho. – Porto Nacional, TO, 2022.
33 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2022.
Orientador: Valdir Aquino Zitzke
1. Memória. 2. Cultura. 3. Identidade. 4. Africanos. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

VANDERSON PEREIRA DE CARVALHO

**REMINISCÊNCIAS AFRICANAS NO TOCANTINS:
UM ESTUDO A PARTIR DA GEOGRAFIA CULTURAL.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Porto Nacional (TO) – como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Geografia, tendo sido aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 10/10/2022

Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke (UFT)

Prof. Dr.^a Mariléia Oliveira Bispo (UFT)

Prof. Dr.^a Vera Lúcia Aires Gomes da Silva (UFT)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus que me concedeu o dom da vida e por me proporcionar chegar até aqui apesar de todos os desafios enfrentados, a minha família que sempre me apoiou nas horas boas e principalmente nas horas difíceis.

Agradeço especialmente ao meu orientador Dr. Valdir Aquino Zitzke que me ajudou do início ao fim na conclusão dessa pesquisa. Agradeço também a banca examinadora composta pelas professoras Marcileia Oliveira Bispo e Vera Lucia Aires Gomes da Silva e a todos os professores que contribuíram para o meu conhecimento ao longo dessa jornada , sem o apoio e a contribuição de todos vocês nada disso seria possível.

RESUMO

As festas religiosas populares mobilizam e resgatam lembranças e emoções e recriam algo que ficou na memória coletiva, se tornando ferramentas valiosas para guardar essa memória. Este artigo tem como objetivo analisar a dança da sucia, dos congos, das taieiras e dos tambores nas festas católicas enquanto reminiscências africanas no estado do Tocantins, mais especificamente, no território eclesiástico da Diocese de Porto Nacional. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico que se estruturou a partir das aulas campo da disciplina de geografia cultural, no curso de geografia do campus de Porto Nacional/UFT, e se justifica por evidenciar a importância cultural da população negra no estado e que está presente nos eventos festivos e religiosos, valorizando a sua origem africana. Concluímos que, no estado do Tocantins, as memórias africanas não sofreram, de todo, um esquecimento, mas se perpetuam nas festas religiosas, num sincretismo que propicia outras pesquisas.

Palavras-Chave: Memória; Cultura; Identidade; Africanos.

ABSTRACT

Popular religious festivals mobilize and rescue memories and emotions and recreate something that remained in the collective memory, becoming valuable tools to keep this memory. This article aims to analyze the dance of sucia, congos, taieiras and drums in Catholic festivals as African reminiscences in the state of Tocantins, more specifically, in the ecclesiastical territory of the Diocese of Porto Nacional. This is a bibliographic research that was structured from the field classes of the discipline of cultural geography, in the geography course of the Porto Nacional/UFT campus, and is justified by highlighting the cultural importance of the black population in the state and that it is present in festive and religious events, valuing its African origin. We conclude that, in the state of Tocantins, African memories have not been forgotten at all, but are perpetuated in religious festivals, in a syncretism that provides further research.

Key-Words: Memory; Culture; Identity; Africans.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	GEOGRAFIA CULTURAL E MEMÓRIA.....	11
3	DIÁSPORA E MEMÓRIA.....	15
4	MEMÓRIA NEGRA.....	17
5	FESTA: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E CULTURA NACIONAL.....	19
6	ÁREA DE ESTUDO	22
7	AS REMINISCÊNCIAS AFRICANAS NO TERRITÓRIO ECLESIAÍSTICO	23
7.1	A taieira	23
7.2	A suça.....	24
7.3	Tambores	25
7.4	Congos	26
8	RESULTADOS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Recordar o passado é, em parte, trazer à tona as diversas memórias que habitam os indivíduos, sejam elas pessoais, familiares ou coletivas (ou mesmo de grupos específicos), e que estão em constante reconstrução no interior de cada um. E é através de ritos, danças, músicas ou de traços deixados no passado que é possível lembrar o que antes se julgava perdido nas teias do esquecimento (CATROGA, 2015: 24). Segundo essa premissa, de que nada é totalmente esquecido, basta o contexto onde elementos específicos que revivam determinados eventos para que as lembranças e memórias venham à tona.

Lowenthal (1981), ao pensar a forma como tomamos consciência do passado, escreve que estamos cercados por relíquias de épocas anteriores, o passado nos cerca e nos preenche, mas que só é possível tomarmos consciência desse passado como um período distinto do presente na medida em que o reconhecemos como tal e que, ao "recordamos apenas nossas próprias experiências em primeira mão, e o passado que relembramos é intrinsecamente o nosso próprio passado" (LOWENTHAL, 1981, p. 78).

Os estudos de Stuart Hall (2002) pontuam que as identidades são múltiplas e entendidas a partir do entrelaçamento dos elementos culturais diversos. Portanto, não seria possível afirmar a existência de uma identidade, mas de uma identificação, passível de mudança e transformação. No caso da população negra no estado do Tocantins, as manifestações culturais como a dança da Sucia, dos Congos ou Congadeiros e dos Tambores nas festas católicas, remontam elos de continuidade com o passado africano e diferenciação com as mudanças vivenciadas ao longo do tempo, desde a diáspora. Dessa forma, estes indivíduos estabelecem processos de apropriação, de cooptação e de rearticulação de códigos culturais e instituições que orientam outras formas de experimentar o novo.

Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar a dança da sucia, dos congos e dos tambores nas festas católicas enquanto reminiscências africanas no estado do Tocantins, mais especificamente, no território eclesiástico da Diocese de Porto Nacional. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico que se estruturou a partir das aulas campo da disciplina de geografia cultural, no curso de geografia do campus de Porto Nacional/UFT, e se justifica por evidenciar a importância cultural da população negra no estado e que está presente nos eventos festivos e religiosos, valorizando a sua origem africana.

2 GEOGRAFIA CULTURAL E MEMÓRIA

Atualmente acontece uma série de alterações no cotidiano das pessoas e do mundo que se desdobram em temas culturais que, por muito tempo, eram objeto de interesse científico dos diversos campos do conhecimento. Entre estes campos está a geografia que entendeu que a compreensão geográfica envolve a esfera cultural e, portanto, é imprescindível a uma análise científica.

As pessoas realizam uma infinidade de papéis e funções no seu cotidiano a cada momento e lugar, tanto em níveis concretos ou subjetivos, locais ou globais, no presente ou no passado, mas o que os aproxima da geografia cultural é que todas estas dimensões e aspectos fazem parte da espacialidade humana e estão carregados de significados (CORRÊA e ROSENDAHL, 2007).

Sibley et al. (2005) descrevem a Geografia Cultural como um modo de compreender a vinculação entre as ideias e as imaginações com o mundo material. Esta perspectiva é muito similar à de Paul Claval (1999), que considera que a Geografia Cultural não corresponderia a mais um objeto da Geografia, mas, pelo contrário, seria uma nova abordagem a antigos objetos e também aos novos.

Claval (2007, p.63) entende cultura como o conjunto “dos componentes, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em outras escalas, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”. Para o mesmo autor, a cultura é um legado transmitido de uma geração à outra, transformando-se por influência das inovações que emergem no seu contexto.

A cultura é primordial para a compreensão da ação dos seres humanos na constituição dos territórios e a representação que os indivíduos têm destes (DI MÉO apud FONSECA, 2005). É através das práticas socioculturais que se produzem os territórios que possibilitam e geram a materialização das identidades, como ilustra Monnet:

A identidade de um lugar ou de um território é o resultado de um processo, e resultado das ações e das representações dos indivíduos sozinhos ou em coletividade, resultado que compromete a identidade desses últimos (MONNET apud FONSECA, 2005, p.89).

Os festejos e celebrações de origem africana, nem sempre acolhida no calendário religioso da Igreja Católica e pelos poderes locais, conquistaram paulatinamente espaço de relevância nas festas, permitindo que a população de negros e descendentes praticassem seus respectivos costumes e crenças adaptados à realidade cultural local, sem abrir mão de suas danças, rituais e músicas, imprimindo-se assim a eles um caráter dinâmico.

Em se tratando do estado do Tocantins, quando se observa e se envolve nas práticas cotidianas das comunidades os indivíduos revelam que o conhecimento sobre o mundo é baseado na experiência diária. Aqui se registra que a idéia de conhecimento desses grupos está diretamente ligada à vivência e ao cotidiano e se materializa nas festas e eventos culturais. Complementando a ideia da vivência em cotidiano, Jacques Le Goff (1996) apresentou uma síntese interessante das diferentes condições, dos momentos e dos aspectos que envolvem a construção da memória e suas relações com a história: memória individual/coletiva; memória social, memória étnica; memória como conteúdo psíquico; memória como narrativa, identidade; funções da oralidade e da escrita na construção da memória (LE GOFF, 1990).

Em se tratando do objeto deste trabalho, podemos perguntar: O que persiste enquanto conhecimento, enquanto prática, enquanto arte da memória? Resquícios, vestígios e marcas poderiam ser algumas das respostas? As condições de externalização da memória se aplica no próprio processo de construção dessa mesma memória e compreender esse processo que é, ao mesmo tempo, orgânico e psíquico.

Jacques Le Goff e Pierre Nora (1995) se referiram aos “lugares de memória” enquanto formas ou maneiras de “externalização” da memória coletiva. Estes lugares de memória carregam diferentes significados: são lugares

funcionais porque possuem a função de ancorar as memórias coletivas; são lugares materiais onde a memória social se baseia ser apreendida pelos sentidos e, por último, são lugares simbólicos onde essa memória coletiva se manifesta e se torna visível. Falar das memórias e das lembranças de uma forma discursiva é a possibilidade de dar às imagens e recordações embaçadas, confusas, dinâmicas, fluidas e fragmentadas, certa organização e estabilidade (LE GOFF e NORA, 1995).

Lembramos aquilo preservamos, seja por meio de ritos de rememoração, seja por meio de vestígios inscritos no presente, pois a memória, assim como a história, é residual. Entretanto, como escreve Candau (2012, p.127), a memória é “uma paisagem incerta”, um campo fértil sempre em construção e reconstrução.

“A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou membros de um grupo fazem de si próprios.” (CANDAU, 2012: 127)

A partir dessa perspectiva do autor, podemos pensar na memória como um processo constante de construção e reconstrução, e é este aspecto maleável, plástico, que permite que pequenos momentos possam ser lembrados a partir de experiências atuais, como é o caso dos grupos negros no Tocantins, que o fazem a partir da sucia, dos tambores e dos congos, que serão apresentados mais adiante.

Em se tratando do Tocantins, podemos considerar os lugares de memória, propostos por Pierre Nora (1993) como sendo aqueles onde a memória se cristalizaria em oposição a uma sociedade acelerada, em permanente mutação, a qual perdeu a capacidade de rememorar por si só suas memórias, como as festas religiosas do catolicismo popular, com a presença da dança da sucia, dos tambores e/ou dos Congos. Para Pierre Nora,

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres,

notariar atas, porque essas operações não são naturais.” (NORA, 1993: 13).

3 DIÁSPORA E MEMÓRIA

O termo *diáspora* se refere à dispersão e ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo. Para nós, nesse artigo, o foco é a diáspora africana, caracterizada pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados.

Junto com seres humanos escravizados, embarcavam nos navios negreiros (tumbeiros), diferentes modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que influenciaram a construção das sociedades às quais os africanos escravizados tiveram como destino. Estima-se que durante todo período do tráfico negreiro, aproximadamente 5 milhões tiveram como destino o Brasil (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2020).

O processo diáspórico envolveu, também, uma forçada redefinição identitária, uma vez que estes povos (balantas, manjacos, bijagós, mandingas, jejes, haussás, iorubas), provenientes do que hoje é Angola, Benin, Senegal, Nigéria, Moçambique, entre outros, precisaram reinventar práticas e construir novas formas de viver, apesar do contexto de escravidão. Ao embarcar nos navios negreiros, essa população negra era obrigada a deixar para trás sua história, seus costumes, suas religiosidades e suas formas próprias de identificação. Durante o traslado, que durava cerca de 40 dias, iniciava-se o processo de esquecimento e sentimento de territorialidade dos escravizados (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2020)

. A diáspora inaugurou um campo paradigmático para a análise da cultura. Boaventura de Sousa Santos (2002), afirma que é preciso criticar a razão indolente com seus ideais de pureza e Paul Gilroy (2002), afirma que os negros escravizados não eram apenas músculos, porque trouxeram suas tradições para o território brasileiro.

Um exemplo do reconhecimento dessa tradição é a descrição de Roger Bastide (1971), sobre a reinvenção das religiões africanas no Brasil, pressupondo encontros e desencontros entre as diferentes etnias e seus saberes ancestrais e religiosos. Essa construção religiosa é exclusivamente afro-

brasileira, ou seja, ela é africana em sua matriz e brasileira em sua continuidade histórica. Isso demonstra que os valores tradicionais das etnias foram compartilhados e se abasileiraram. Neste caso, a matriz africana é a simbologia de ancestralidade africana no Brasil, composta por pensamentos, sonhos, crenças, tradições, costumes, religiões, hábitos.

De qualquer forma, Stuart Hall (2003) nos leva a pensar que, para superar o mito fundador em sua versão purificadora, é estratégico buscar a perspectiva transformadora da diáspora. A resistência e a inventividade cultural da diáspora africana inauguraram trilhas que reinventaram as tradições africanas, como o candomblé, por exemplo.

Stuart Hall (2003) explica que a diáspora africana não aconteceu sem consequência para os registros culturais do novo mundo. A questão que se impõe é que as origens africanas são memoriais e não se pode tudo lembrar. Nesse sentido, concordamos com Stuart Hall (2003), que sustentou que a diáspora é um produto cultural, que associa diferentes tradições a um processo de tradução e reinvenção dos valores. As diferenças e similaridades advindas desse processo, com rupturas e trocas culturais permitem aparecer uma autenticidade renovada, uma originalidade atualizada, que compõem um horizonte plural, mestiço, híbrido e crioulo (HALL, 2003).

No percurso da diáspora, muito da especificidade da cultura africana se perdeu, mas o que se manteve se tornou plural. Entretanto, verificamos diversas reminiscências poderosas, que refletem a africanidade no território brasileiro, que não pode ser negado. A diáspora não foi apenas a imposição da travessia do Atlântico, mas, sobretudo, a história de uma inventividade humana, que não se dobrou ao açoite da escravidão.

4 MEMÓRIA NEGRA

Em seu estudo pioneiro sobre as memórias sociais, Maurice Halbwachs apontou que as memórias coletivas designam uma representação ou um enunciado que os membros de um grupo vão produzir a respeito da memória supostamente comum aos membros desse grupo (HALBWACHS, 1999, p. 24).

Jöel Candau (2011), ao estudar a relação entre memória e identidade, afirmou que a memória é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade e de continuidade de um grupo, ou seja, para a construção da sua identidade. Este autor sublinha que memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas e que “se conjugam, se nutrem mutuamente e se apoiam uma na outra” (CANDAU, 2011, p. 16).

Para este artigo, que se refere às memórias negras, Michel Pollack (1989) apontou que estas memórias negras são memórias subterrâneas, marginalizadas ou silenciadas que afloram em momentos de crise, onde haja conflito entre memórias concorrentes (1989, p. 4).

Por muito tempo, no Brasil, as memórias e as histórias dos negros se limitaram à marca da escravidão, à representação do negro como escravo, como uma vítima submissa dos castigos e aos infortúnios sofridos na sociedade escravista. Este fato contribuiu para o esquecimento e à negação das suas lutas, conquistas e, sobretudo, sua história, fazendo com que se perdesse de vista as reinvenções da cultura e da história negra ou afrobrasileira após a abolição (ZUBARAM; MACHADO, 2014)

.Maria Aparecida Silva Bento (1999), citada por Maria Angélica Zubaran e Lisandra Maria Rodrigues Machado (2014), verificou a influência e a repercussão da escrita do historiador Francisco Adolfo Varnhagen na história do Brasil, em que índios, negros e mulheres ficaram ausentes da história oficial do Brasil, e afirmou que “sem uma memória positiva, sem conhecer figuras de destaque de seu povo e suas conquistas no campo das artes e das ciências, as crianças negras enfrentaram muitas dificuldades para formar uma identidade positiva de si e de seus iguais” (BENTO, 1999, p. 45).

Desde o final da década de 1970, que coincide com as ações do Movimento Negro no Brasil, paulatinamente, as memórias negras deixaram de ser subterrâneas e se tornaram memórias emergentes, passando a ocupar um lugar central na educação das relações étnico-raciais brasileiras. Os chamados novos movimentos sociais e suas políticas de identidade, levaram diferentes grupos sociais, étnicos e culturais a reivindicarem o direito as suas memórias e a buscarem institucionalizá-las no espaço público (ZUBARAM; MACHADO, 2014).

José Rivair Macedo (2012) afirma que, entre as políticas governamentais de ação afirmativa, as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos das escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio da educação básica, estimularam a ressignificação da memória negra e este estudo se encaixa nesse contexto.

5 FESTA: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E CULTURA NACIONAL

Enquanto religião dominante, o catolicismo não permitia espaço à cultura do dominado para manifestar atos, mitos e ritos de origem. Sendo assim, os africanos escravizados e seus descendentes do Brasil encontraram meios de sobrevivência e resistência cultural e religiosa, agregando às suas religiões imagens de santos católicos de forma sincrética.

A maior parte das devoções aos santos católicos vinculados às populações negras vindas da África para o Brasil está relacionada à cor da pele. De acordo com Boschi (1985, p. 25) citado por Quintão (2007, p. 15), os santos de cor negra do devocionário católico eram as invocações recorrentes dos escravos, “[...] não apenas pela afinidade epidérmica ou pela origem geográfica, mas também pela identidade com suas agruras”.

Outro elemento a considerar é o fenômeno do martírio: os santos negros reconhecidos no Brasil sofreram maus tratos, sendo submetidos a provações para testar a sua fé e sua resignação, de maneira semelhante aos negros escravizados vindos da África.

No período colonial as festas religiosas católicas era uma forma de tolerar as ordens da Metrópole portuguesa. Estas festas apresentavam um tempo dividido em três funções: trabalho, lazer e sagrado, que sempre foram preservados, sendo elas “um espelho no qual o ser humano se reflete, buscando respostas para sua condição de precariedade frente à vida” (LANTERNARI, 2001:15), e onde podemos verificar que elas “contribuem para a construção da identidade e da cultura nacionais” (LANTERNARI, 2001:15).

Festa e religião, ao se unirem, mediaram as diferenças culturais que se instalaram no Brasil colônia e promoveram o surgimento de uma cultura nacional diversificada. Nessas oportunidades eram reafirmadas as crenças e memórias grupais e as regras sociais, ou seja, o grupo vivificava “periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade” (DURKHEIM, 1968:536). E com o passar do tempo, as festas e os rituais religiosos se tornaram imprescindíveis para reavivar os laços sociais que sempre correm o risco de se

desfazem, ou seja, as festas representam as forças vitais que mantêm vivo o tecido social, independente de cor e raça.

Em geral, as festas e manifestações populares são também um fato político, cívico, religioso ou simbólico, preservando e reforçando a identidade de uma nação e possibilitando a construção da sociabilidade no país (DEL PRIORE, 2009:71). Desta forma, a festa pode ser considerada um elemento que compõe o modo de vida brasileiro, especificamente o popular. Festa enquanto um conjunto de rituais e cerimônias coletivas, pois nela sempre os participantes reafirmam laços sociais e traduzem a cultura popular, a linguagem do povo e sua própria identidade (DEL PRIORE, 2009).

Para Emile Durkheim (1968), a festa tem a capacidade de aumentar a percepção que os seres humanos têm das relações sociais, desenvolvendo o sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade. Para Guarinello (2001, p. 972), as festas são, num sentido amplo, “produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e nos espaços sociais” e (re) produzem a história e a memória que são refletidas nas festas religiosas populares, evidenciando que a reunião dos participantes na festa pode ser registrada tanto na memória individual quanto na coletiva. Em outras palavras: “qualquer que seja a relação da memória individual com a memória coletiva, é no âmago da primeira que se realiza de fato, a segunda” (MUKUNA, 2006:59).

As festas religiosas populares mobilizam e resgatam lembranças e emoções e recriam algo que ficou na memória coletiva, se tornando ferramentas valiosas para guardar essa memória. Embora sejam sempre as mesmas, as festas nunca são iguais, pois resulta do aprendizado que se dá pela interação social, possuindo dinâmica própria e uma relação entre tradição e inovação, o que constitui um forte dinamismo e vitalidade. A partir dessa observação, verificamos que as festas religiosas populares não são uma reprodução incólume de rituais passados, mas, ao contrário, elas se mantêm “pela tradicionalidade e não pela sobrevivência do passado” (CAPONERO, 2009: 86).

Estas festas são o resultado da soma de muitas contribuições de diferentes gerações que as mantêm vivas e reavivadas na memória popular e,

consequentemente, na memória coletiva da comunidade onde se realiza ao mesmo tempo em que se constitui num elo identitário de pessoas e de grupos que permitem criar culturas, símbolos e identidades, sendo necessários esforços coletivos de preservação (CAPONERO, 2009).

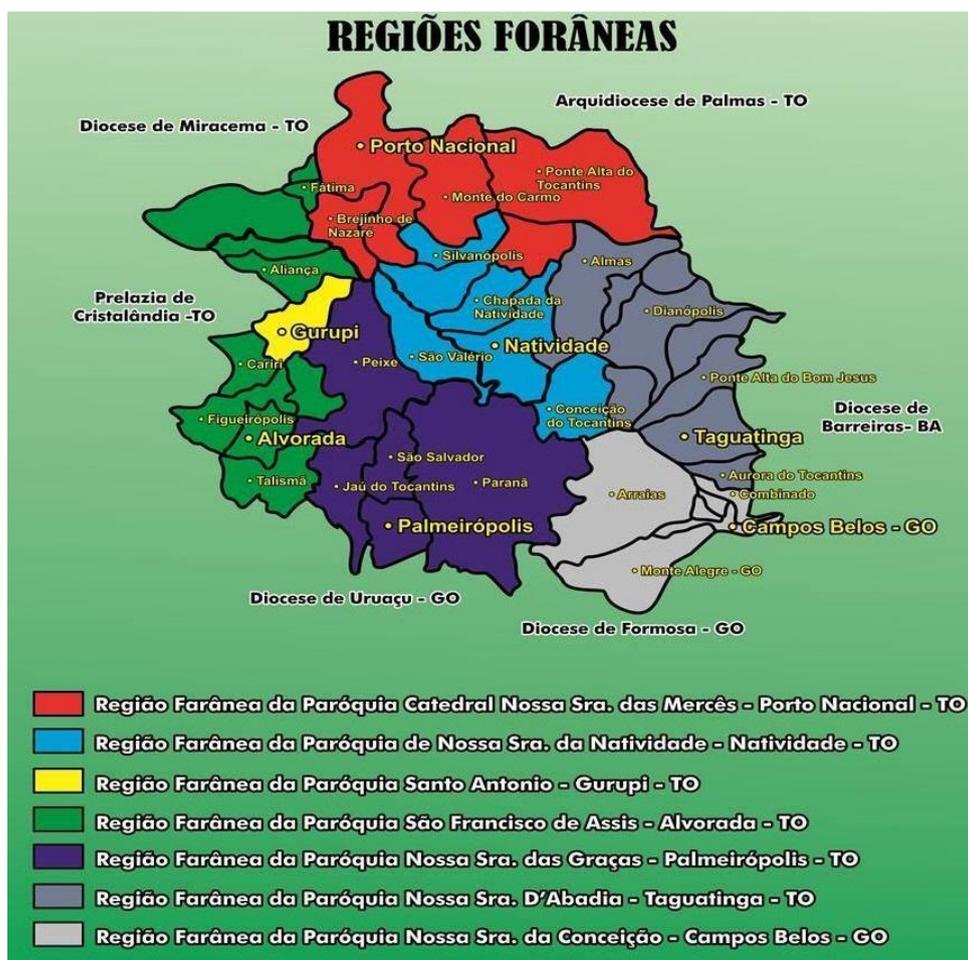
Esta exposição sobre as festas foi necessária para que pudéssemos inserir nesse cenário as quatro reminiscências africanas que pretendemos descrever: duas danças devocionais vinculadas à cultura popular denominadas de Taieira e Suça, a presença dos Congos e o uso de Tambores nas festas religiosas populares, manifestações herdadas da cultura portuguesa e africana que se verifica no território eclesiástico da Diocese de Porto Nacional, estado do Tocantins.

6 ÁREA DE ESTUDO

O território diocesano proposto como área de estudo, se constitui na área de atuação da Diocese de Porto Nacional, criada em 20 de dezembro de 1915 pela Bula “Apostolatus Officium” do Papa Bento XV, desmembrada da então Diocese de Goiás e instalada em 11 de julho de 1921.

Atualmente, o território é constituído por sete (07) Foranias e quarenta e três (43) municípios, a saber: Forania de Alvorada; Forania de Campos Belos; Forania de Gurupi; Forania de Natividade; Forania de Palmeirópolis; Forania de Porto Nacional e Forania de Taguatinga. A Figura 1, a seguir, encontrada na página social da Diocese de Porto Nacional apresenta, de forma ilustrativa, o território eclesiástico estudado:

Figura 1: Território da Diocese de Porto Nacional e suas Regiões Forâneas.



Fonte: <https://dioceseportonacional.org.br/diretoriospastorais/>

7 AS REMINISCÊNCIAS AFRICANAS NO TERRITÓRIO ECLESIAÍSTICO

7.1 A taieira

Como legado do período escravocrata brasileiro,

“taieira é uma dança que se move entre a característica portuguesa católica (que faz parte das danças do Ciclo Natalino) e elementos da cultura africana (ritmos, sons e letras), para louvar a Nossa Senhora do Rosário e/ou São Benedito” (DANTAS, 1972).

Trazida de Portugal para o Brasil, a Taieira incorporou elementos da diáspora africana em suas músicas. Alencar (2003) e Lemos et al (2007), corroboram em mencionar que estes elementos estão vinculados ao negro e, nesse contexto, a Taieira inseriu nos seus ritos, tanto os cantos benditos de louvação aos santos negros quanto os ritmos dos tambores africanos.

De acordo com Dantas (1972), no passado já ocorriam grupos de Taieiras nos estados de Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro. Assim como esses grupos, as taieiras das cidades sergipanas de Laranjeiras, São Cristóvão, Japarutuba e Lagarto, estão atrelados, no presente, à herança do Brasil colonial.

Sendo uma manifestação vinda desde o período da segmentação dos espaços religiosos e étnicos, as Taieiras de Laranjeiras revelavam a partir da primeira metade do século anteriormente citado, o hibridismo afro-católico. Tal realidade se concretizou com o ritual de coroação da rainha na Igreja de São Benedito, onde antes da citada líder, os ritos da cultura Nagô e Católica não eram expostos.

De acordo com Alencar (2003), na Taieira de Laranjeiras é perceptível elementos de rituais afros, não só nos ritmos e nos cantos, mas no cortejo remanescente do cerimonial dos congos africanos que se fixaram desde o Brasil colônia. Essa proximidade entre culturas diferentes acontecia no ápice da cerimônia de coroação da rainha das taieiras tornando-se recorrente no cotidiano do grupo.

Na festa de Nossa Senhora do Rosário, no município de Monte do Carmo, denomina-se Taieiras ao grupo de mulheres que acompanham a Rainha e o Rei da Festa, em cortejo, juntamente com os Congos, da casa da festa até a igreja, para a missa, e o seu retorno para a casa da festa, ao som de cânticos e bailados.

7.2 A suça

A Suça, Sussia ou Súcia, é uma dança de origem africana e foi introduzida no Brasil junto com a chegada dos africanos que vinham para o Brasil. Esse ritual significa muito mais que apenas uma dança, ela representa parte da história dos que por aqui passaram, deixando que seus traços e crenças estejam presentes através desse e de muitas outras heranças negras.

Essa dança é muito presente em festas religiosas no Tocantins, se destacam nas cidades de Natividade, Monte do Carmo, Conceição do Tocantins e outras, geralmente acontecendo nas festas católicas e representa as memórias dos africanos.

Geralmente, começa a ser dançada por iniciativa de um folião pelo toque do pandeiro ou acordes da viola. Os devotos se entregam de coração ao dançar a Sussia que significa muito mais que apenas dançar, mas envolvem os olhares, os gestos, o domínio dos pés e passos, onde todos que estão na roda são convidados a entrar na dança.

A dança, geralmente, é realizada em rodas, onde os foliões tocam ao redor e os dançarinos que estão no centro da roda. A quantidade de vezes que a roda de Sussia é realizada na festa fica a critério de quem está oferecendo a festa e, quanto mais demora em acabar, mais animada é a festa.

As músicas cantadas se repetem por várias vezes e muitas delas costumam trazer as realidades vividas pelos africanos escravizados, como, por exemplo, a “formiga jiquitaia”, que trás a realidade vivida quando eram obrigados a trabalhar mesmo com as formigas que queriam subir em suas pernas e picando

a pele enquanto trabalhavam. Nesse momento, se debatiam para que as formigas não subissem no corpo.

7.3 Tambores

Os africanos que foram trazidos para o Brasil trouxe junto a eles seus rituais e suas crenças deu origem, e suas músicas sempre que cantam tem o som dos tambores para fazer o som, o tambor é tão significativo para os negros porque eles fazem parte de todas as suas comemorações, ainda hoje o som dos tambores que se chama batuque é muito presente entre os negros e hoje não só entre os negros.

O som dos tambores é muito comum nas festas e rituais negros e, ainda que no passado a classe branca tivesse algum receio com o batuque, aos poucos foram entrando nas festas e gostando do som, e o que antes era mais comum em festas de negros passou a contar com a presença de alguns brancos.

De acordo com Paulo Dias (1999) essas festas realizadas pela comunidade negra também tinham muitas atrações e lazer para as pessoas de pele clara principalmente para os donos de escravos, a princípio o som dos tambores era mais comum em áreas rurais até porque os negros tocavam seus sons em locais afastados e aos poucos é que ele foi entrando na zona urbana, de acordo com o Paulo dias era mais comum ouvir o som dos tambores em “fazendas, engenhos e garimpos” Porém depois de algum tempo passou a se espalhar.

Atualmente os tambores são muito presentes em festas religiosas e em festas de carnavais, esses são alguns dos eventos no qual não se pode deixar de cantar com o som dos tambores. Para Alexandre Carvalho Bittencourt (2018, p. 43) “o tambor é um símbolo para o povo de matriz africana que promove a educação e a conexão”. Desde a infância dos africanos eles já tinham bastante contato com os tambores e já ouviram o som, então quando se viram obrigados a deixar as suas terras viu no instrumento uma forma de não se perder das origens, eles vêm no instrumento e também num som uma maneira na qual se sentir em casa se reconectando com suas origens.

Segundo Alexandre Carvalho Bittencourt (2018, p. 48) cada ritual que ocorre é “único para a comunidade, por que faz sua ligação com o solo em que está inserido” Esse momento se torna único porque por mais que não seja a primeira vez ou primeiro ritual, mas cada um deles se torna o único e traz a eles o sentimento de estar em casa, porque para muitos a única coisa é que resta dos africanos que foram obrigados a vir para o Brasil são as memórias do que viveram antes, e quando por aqui chegou deixou suas marcas e o tambor foi um dos elementos presentes até hoje.

Os tambores utilizados pelos africanos no período colonial eram de fabricação artesanal então antes mesmo de tocar o instrumento o criador já tinha uma conexão, os materiais da época eram madeira e couro de animais e de lá para cá já foram surgindo diversos outros tambores de diferentes formas e atualmente contamos com uma diversidade de tambores que são feitos de forma industrial, se no passado eles tinham uma conexão na fabricação do instrumento ter tia caça ao animal até escolher a árvore certa para o arco na atualidade é compram de forma fabricada industrialmente se os tambores vigor os tambores assim como outros ela é mentos deixados pelos africanos marcam a história e a cultura introduzida na região Brasileira.

7.4 Congos

Para aqueles que acreditam que a dança veio da África, desde a sua chegada ao Brasil e movimentos em direção ao interior do Brasil através dos negros escravizados, atualmente o que se verifica são variações rememoradas ou recriadas do ritual como seria dançada em seu lugar de origem. De qualquer forma, a dança é, funcionalmente, uma forma de culto e homenagem aos santos católicos com forte ligação com os negros, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Outra versão sobre a origem dos congos é que a dança contém elementos de uma antiga luta entre povos africanos. O ritual não presta homenagem a nenhum desses povos, sendo considerada pelos dançarinos como não apenas como um folguedo ou mesmo “uma brincadeira”, mas, uma prioridade, um compromisso, homenageando a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito

com “as danças e a cantoria”.

Os Congos se constituem numa manifestação popular e religiosa, de origem africana, e se faz presente no território brasileiro desde o século XVIII, e teriam origem na coroação de “reis de nação” escolhidos por africanos de diferentes etnias para que representassem o Brasil, assim como suas nações de origem, considerando que essa seria a forma possível para o compartilhamento de crenças e valores dos seus antepassados da distante mãe-África (SILVA, 2012).

Existe uma concordância em conferir a dança dos congos aos negros, desde os primeiros negros escravizados trazidos à região de Goiás para os trabalhos de busca do ouro no leito dos rios desse sertão brasileiro. No atual estado do Tocantins, existem registros dessa dança em pelo menos quatro municípios que compreendem a Diocese de Porto Nacional: Monte do Carmo, Conceição do Tocantins, Ipueiras, Silvanópolis e Santa Rosa do Tocantins.

Nestas cidades, os moradores mais idosos não são capazes de lembrar nomes, datas ou lugares que pudessem explicar as origens da dança, mas muitos se referem a uma tradição colonial entre os escravos que, levados pelo catolicismo, cunharam uma forma “cristã” aos costumes africanos e a dança dos congos estaria associado a algum festejo específico. Com o tempo, os congos foram associados e incluídos nas festas de santos padroeiros que aconteciam nas “cidades do ouro” do norte goiano, atual estado do Tocantins.

Carlos Rodrigues Brandão (1977) destacou que os dançadores do Congo guardavam e transmitiam o conhecimento e os saberes do ritual, como as danças, a coreografia de simulação de luta e suas falas, de uma geração para outra. Este fato também é verificado no Tocantins, nas cidades onde este estudo foi realizado.

Além do congo, os negros contribuíram significativamente na religiosidade no Tocantins e isso pode ser verificada nas festas religiosas através das folias, da dança da sussa, da dança do tambor, da culinária característica, das rezas, dos cânticos e dos rituais.

Independente da forma, dos rituais e da estrutura dos Congos, a

transferência dos saberes que envolvem este ritual é fundamental para a manutenção da simbologia africana e dos significados para as comunidades, seja como religiosidade ou como resistência e reconhecimento histórico da população negra no estado do Tocantins.

8 RESULTADOS

Quando se procura saber mais sobre a categoria memória relacionado aos africanos ou negros escravizados, encontramos muito material sobre memórias da escravidão, das dores e sofrimentos, sempre com um caráter negativo.

Neste trabalho, no decorrer das leituras, verificamos que as memórias africanas passaram por um processo de esquecimento e de desvalorização em todo território nacional. Por isso, optamos, neste trabalho, resgatar as memórias africanas do ponto de vista das festas e manifestações culturais, da alegria, dos sons, ritmos e movimentos, evidenciando, no estado do Tocantins, que estas memórias não sofreram, de todo, um esquecimento, mas se perpetuam nas festas religiosas, num sincretismo que propicia outras pesquisas.

Observamos que os Tambores, os Congos, as Taieiras e a Suça estão presentes nas festas relacionadas às festas de Nossa Senhora do Rosário que acontecem em Monte do Carmo e Silvanópolis.

A dança da Suça é verificada em todas as festas religiosas católicas na dimensão do profano, de acordo com Mircea Eliade, nas Folias do Divino Espírito Santo, nas festas de Padroeiros e Padroeiras, nos Santos Reis e na Romaria do Bonfim.

A dança dos Congos, além da festa de Nossa Senhora do Rosário, também acontece na Comunidade Quilombola de Morro São João, em Santa Rosa do Tocantins, e também existe um grupo de Congos em Conceição do Tocantins, que se apresenta em eventos culturais e participa da Festa do Divino Espírito Santo na cidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas, em especial as religiosas católicas no estado do Tocantins, possuem a habilidade de desenvolver o sentimento de pertencimento do ser humano a uma determinada comunidade, pois elas são carregadas de memória e de identidade no tempo e no espaço.

É no contexto das festas que se produzem e se reproduzem a história e a memória de um grupo social, onde esse dado grupo social registra a memória tanto em nível individual quanto em nível.

O processo de organização e participação nas festas religiosas que os descendentes de negros e escravos mobilizam e resgatam suas lembranças e emoções, individuais e coletivas, e reproduzem alguma coisa que ficou na memória coletiva. Nesse contexto, verificamos as reminiscências africanas presentes ao longo da festa, seja em rituais, cânticos, sons e movimentos.

Embora as festas sejam sempre as mesmas, elas nunca acontecem de forma igual, uma vez que são resultado do grupo que a organiza e do aprendizado que essa organização proporciona, se mantendo pela tradição do grupo social e não pela sobrevivência do passado.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **Danças e folguedos. Iniciação ao folclore sergipano**. 2. ed. Secretaria de Estado da Educação. Aracaju, 2003.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. 3. ed. Vol. I & II. Rio de Janeiro: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1971.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iracy & BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BITENCOURT. Alexandre Carvalho. **ÀYÀN-ILÚ: Tambores que educa no mandala ancestral das infâncias afro-brasileira**. Santa Cruz do Sul 2018.
- BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás**. Goiânia, ed. EUB. 1977.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco: discutindo as relações raciais**. São Paulo: Ática, 1999.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAPONERO, Maria Cristina. **Festejando São Benedito: a congada em Ilhabela**. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte). Programa de Pós Graduação em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3 ed. Florianópolis: UFSC, 2007.
- CLAVAL, P. A **Geografia Cultural**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- DANTAS, Beatriz Góis. Considerações sobre o tempo e o contexto de autos e danças folclóricas em Laranjeiras. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. n. 27, 1966-78. p. 63-69. Disponível em: <http://ihgse.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/09/indice-de-revistas.pdf>, acesso 12 agosto 2022.

_____. **A taieira de Sergipe**: pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972.

DEL PRIORE, Mary. **Matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

DIAS, Paulo. Comunidades do tambor. *In: VVAA. Textos do Brasil*. 11. ed. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1999.

DI MEO, G. **La géographie en Fêtes**. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As Festas Populares na Expansão do Turismo**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

FONSECA, Claudia Alexandra D. **Territórios entre lugares urbanos processos de identidad e región em ciudades de los Andes Colombianos**. Caldas, Manizales: editorial Universidad de Caldas, 2005.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Diáspora africana, você sabe o que é?** Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=53464>, acesso 12 agosto 2022.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro; Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1999.

LANTERNARI, Vittorio. **Festa, carisma, apocalipse**. Palermo: Sellerio, 1987.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, Capítulo sobre "Memória" (pp.423-484).

LE MOS, Andrey R. et al. **A Taieira: cultura e identidade no município de Laranjeiras**. Monografia (Licenciatura em História). Aracaju: UNIT, 2007.

MUKUNA, Kazadi wa. **Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira: Perspectivas etnomusicológicas**. São Paulo: Terceira Margem; CESA, 2006.

NORA, Pierre & LE GOFF, Jacques. **Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MACEDO, José Rivair. Os educadores em face da educação antirracista: o desafio necessário. In: BITTENCOURT JR, Iosvaldyr Carvalho; SABALLA, Viviane. (Org.). **Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis em História e cultura afro-brasileira**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2012. P. 29-34.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1993, pp. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>, acesso 12 agosto 2022.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf, acesso 12 agosto 2022.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Professora, existem santos negros?** Histórias de identidade religiosa negra. São Paulo: USP, v. 8, 2007.

SANTOSD, Boaventura de Sousa. **Globalização, Identidade e Diferença: Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural**. São Paulo: Autêntica, 2003.

SIBLEY, David et all. Cultural Geography. A critical dictionary of key concepts. Londres: I. B. Tauris, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/82080139/Cultural_Geography_A_Critical_Dictionary_of_Key_Concepts_by_David_Atkinson_Peter_Jackson_David_Sibley_and_Neil_Washbourne, acesso 10 agosto 2022.

SILVA, Rubens Alves da Silva. **A atualização de tradições: performances e narrativas afro-brasileiras**. São Paulo: LCTE, 2012.

ZUBARAN, M. A.; MACHADO, L. M. R. Que memórias e histórias negras se ensinam nos museus? Do esquecimento ao reconhecimento. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, Ano 19. n.30 jan./jun. 2014. Revista do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Disponível em <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/8708-31979-1-PB.pdf>, acesso 24 agosto 2022.